

ENTREVISTADO



Alvino Rodrigues de Carvalho

**Coordenador do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UESPI
(Campus Poeta Torquato Neto)**

Entrevistadores: Dr. Bruno Mello Souza e Dr^a Ana Maria B. do Nascimento

A seguir, apresentamos uma entrevista com o Professor Alvino Rodrigues de Carvalho. Graduado em Ciências Sociais pela UFMG, onde obteve os títulos de bacharel e licenciado, o professor concluiu seu mestrado em Ciência Política na mesma instituição em junho de 2007. Posteriormente, obteve o doutorado em Educação pela FAE/UFMG, na linha de pesquisa "Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas", com foco em movimentos sociais, ciberativismo e educação popular. Atualmente, o Professor Alvino é docente assistente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em regime de Dedicação Exclusiva, além de atuar como coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Sociais no campus Poeta Torquato Neto. Durante a entrevista, ele discute o processo de implementação e consolidação do curso, que celebrou seu décimo aniversário em 2023, explora as particularidades dessa licenciatura, reflete sobre o cenário atual da Sociologia no Ensino Básico e oferece uma perspectiva sobre o futuro da disciplina nas escolas brasileiras.

Revista Humana RES: Professor Alvino, inicialmente gostaríamos que o senhor descrevesse um pouco o contexto histórico que levou à implementação e consolidação do curso de Ciências Sociais da UESPI.

Entrevistadores: Dr. Bruno Mello Souza e Dr^a Ana Maria Bezerra do Nascimento

Alvino Rodrigues de Carvalho: O curso teve início em 2013. Tínhamos naquele momento muitos professores altamente qualificados formados em Ciências Sociais espalhados nos Campus da UESPI. A maioria dos professores que compuseram o quadro inicial do curso estava lotado no curso de Pedagogia do Campus Poeta Torquato Neto. Além disso, só tínhamos o curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais de maneira presencial no Piauí no Campus de Teresina da UFPI.

Apesar da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, observamos que existe uma grande lacuna de licenciados em Ciências Sociais no Piauí. Na maioria das escolas de ensino médio as aulas de Sociologia são ministradas por professores que não são formados na área, o que compromete muito a formação dos estudantes. Lutamos para que tivéssemos a implementação do curso e seguimos na luta. Agora buscando a realização de concursos públicos para que o curso possa atender a necessidade que levou a sua criação: oferecer à população piauiense educadores das Ciências Sociais capazes de posicionar-se criticamente frente às teorias, categorias e conceitos das Ciências Sociais, demonstrar competência para produzir novos saberes sobre a realidade social a sua volta e orientar atividades socioeducativas capazes de provocar transformações nos espaços sociais em que se encontram.

RES: Em 2023, o curso que o senhor coordena completou 10 anos. Em sua visão, quais as principais contribuições a Licenciatura de Ciências Sociais da UESPI de Teresina têm oferecido à comunidade da cidade e do estado do Piauí?

Alvino Rodrigues de Carvalho: Nosso principal mercado de trabalho é a docência na unidade curricular de Sociologia no Ensino Médio. Considerando a ausência de concursos na educação no estado do Piauí desde a implementação do nosso curso na UESPI, as nossas maiores contribuições têm sido no diálogo com outras licenciaturas, na formação humanística, nos bacharelados e no desenvolvimento de pesquisa e de projetos de extensão.

Entendo que as principais mudanças que têm ocorrido nos currículos no século XXI são uma maior interdisciplinaridade, uma aproximação maior entre a teoria e a prática dos estudantes, e o foco no desenvolvimento de competências e habilidades. Áreas que, por sua natureza, já traçam estes elementos na formação de seus discentes tendem a ter uma maior valorização. No meu entendimento, é o caso das Ciências Sociais.

Desta forma, os docentes e discentes do curso de Ciências Sociais têm tido oportunidade de apresentar nas escolas e na UESPI o resultado de sua formação nas três áreas do curso (Antropologia, Política e Sociologia), através de momentos de partilha como nos estágios, nas atividades de práticas pedagógicas e nos eventos científicos. Especialmente em temáticas interdisciplinares como as de gênero, estudos raciais, protagonismo juvenil, violência, indisciplina, cultura e outras, somos uma das principais referências na UESPI e reconhecidos pelos demais membros da comunidade universitária como protagonistas em ações e debates em torno destes temas. Temos tido também a oportunidade de colaborar na formulação e implementação de políticas públicas no estado do Piauí em áreas como a de estudos étnico-raciais, gênero, assistência social e segurança pública. Destaco ainda as parcerias com atores da sociedade civil organizada. A pesquisa e a extensão em nosso curso não seriam possível sem eles e temos tido importantes trocas desde a implementação do nosso curso.

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 232 – 240 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

RES: Como você avalia a atuação do curso na formação dos licenciados e bacharéis da UESPI?

Alvino: Quase a totalidade dos cursos oferecidos na UESPI contemplam alguma carga horária destinada a uma formação humanística que fica sob a responsabilidade dos docentes do curso de Ciências Sociais. Mesmo com uma carga horária reduzida nos demais cursos da universidade, entendo que temos tido uma contribuição significativa. Articular teoria, ensino, pesquisa e prática social para as(os) docentes do curso não é algo restrito aos formandos em Ciências Sociais, mas uma necessidade para qualquer profissional comprometido com o desenvolvimento sustentável e a justiça social. Ainda que compreendamos que esta formação humanística é responsabilidade de todos os docentes em qualquer nível de ensino, o profissional das Ciências Sociais tem uma formação que possibilita desenvolver nos estudantes uma autonomia intelectual e uma capacidade analítica crítica e pluralista que pode se estabelecer como um diferencial importante em qualquer área de atuação futura deste estudante.

RES: Sabemos que um curso de graduação não se resume à sala de aula, e inclui outras atividades para além da grade de disciplinas propriamente ditas, relacionadas, por exemplo, a eventos acadêmicos, à pesquisa e à extensão. O senhor poderia destacar algumas das iniciativas promovidas pelo curso ao longo destes 10 anos?

No que se refere a eventos acadêmicos temos 3 eventos principais em nosso curso: O “Encontro de Ciências Sociais”, o “Seminário de Antropologia da Prática - SEAMPRA” e os “Diálogos Acadêmicos”. Os “Encontros de Ciências Sociais” focam em temáticas gerais da licenciatura em Ciências Sociais, o SEMPRA apresenta debates da antropologia em diálogo com as demais áreas com foco especial nas relações étnico-raciais e o “Diálogos Acadêmicos” foca em discussões da atualidade a partir do diálogo com pesquisadores de outros estados e instituições. Estes eventos têm sido uma constante possibilidade de criar parcerias com sujeitos que nos possibilitam uma formação continuada nas diversas áreas e temáticas das Ciências Sociais. Pelo perfil de nossos docentes, mas também pelas obrigatoriedades surgidas com as reformas curriculares, nosso curso tem focado cada vez mais na formação de professores. Além da formação de professores ser uma das linhas de pesquisa no Núcleo Instituições, Cultura e Sociabilidades (NICs) de nosso curso, muitos dos eventos têm focado neste elemento.

Falando ainda da formação de professores, algo marcante em nosso curso foi a implementação dos programas PIBID e Residência Pedagógica. A implementação destes programas a partir do ano de 2017 fez com que os nossos discentes tivessem contato com as escolas de uma maneira prática e pudessem compreender melhor a profissão docente. A implementação destes programas auxiliou na permanência de muitos de nossos discentes no curso pelas bolsas que são oferecidas e, especialmente, possibilitou que os fizessem uma escolha mais orientada sobre o seu futuro profissional e a atuação como docentes na Educação Básica.

Considero que a pesquisa e a extensão têm tido uma produção bastante robusta de nossos professores e através do PIBIC, do PIBEU e de iniciativas individuais dos professores, os alunos também têm tido a oportunidade de ter uma formação através deste tripé universitário fundamental composto pelo ensino, a pesquisa e a extensão. A insuficiência de mecanismos de

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 232 – 240 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

Entrevistadores: Dr. Bruno Mello Souza e Dr^a Ana Maria Bezerra do Nascimento

financiamento, as limitações estruturais e a falta de uma maior articulação entre os nossos professores têm feito, muitas vezes, que a pesquisa universitária para os nossos discentes fique mais restrita aos Trabalhos de Conclusão de Curso e aos projetos de iniciação científica do PIBIC. Seria leviano da minha parte citar nominalmente trabalhos ou professores no campo da pesquisa porque certamente iria ser injusto com algum, mas quero destacar que em temáticas como o comportamento político, a indisciplina escolar, as relações étnico-raciais e as relações de gênero temos uma produção de nossos docentes que contribui para o fortalecimento de um pensamento social referenciado na realidade piauiense.

Quanto à extensão universitária, ela foi muito impactada pela curricularização da extensão. As iniciativas no campo da extensão universitária passaram a ser pensadas de maneira coletiva, mas ainda estamos procurando organizar melhor a extensão através das práticas pedagógicas e das possibilidades de atuação conjunta dos professores. A extensão é, dos itens que compõem o tripé da formação universitária, o que foi mais negligenciado ao longo dos anos. Muitos dos profissionais de nível superior saíram das universidades sem a experiência da extensão. A obrigatoriedade da extensão fez com que os cursos tivessem que se adequar à legislação sem contar com a logística e o financiamento prévio para as ações. Ainda assim, o sucesso de iniciativas em nosso curso como o programa Humanismo Caboclo, coordenado pelo professor Luciano Melo, nos dão um norte do que pode ser a maneira mais adequada para superarmos os desafios postos pela curricularização da extensão universitária.

RES: Que oportunidades podem ser desfrutadas pelos alunos durante a sua passagem pelo curso?

Alvino: Penso que a maior oportunidade é o contato com as pessoas que compõem o curso de Ciências Sociais. A experiência e prática dos docentes e criação de redes a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão possibilitam que os discentes abram perspectivas formativas e profissionais.

Para além de projetos institucionais como o PIBID, o PIBEU, o PIBID, a Residência Pedagógica e os estágios extracurriculares, a prática cotidiana das professoras e professores que compõem o nosso curso é de valorização das atividades de campo e da resolução de situações-problemas que aproximam os nossos estudantes dos desafios que terão que resolver quando profissionais das ciências sociais. Nestas atividades, os estudantes têm contato com sujeitos de mandatários das políticas públicas e com agentes responsáveis pela implementação destas políticas. Um contato fundamental para a formação do profissional que o nosso curso deseja disponibilizar para a sociedade piauiense e, também, na criação de redes pessoais que orientaram e facilitaram a continuidade da trajetória acadêmica e profissional de nossos discentes.

Importante destacar que temos egressos do curso que já concluíram ou estão participando de programas de pós-graduação em mestrado em universidades públicas dentro e fora do estado, algo que valoriza e engrandece a formação oferecida pelo curso de Ciências Sociais da UESPI e demonstra que muitos dos que aproveitaram as oportunidades oferecidas pelo curso estão tendo uma trajetória acadêmica de sucesso.

RES: Quais são as principais características e pontos fortes da formação oferecida aos alunos? Que perspectivas profissionais podem se abrir a partir da graduação no curso de licenciatura em Ciências Sociais da UESPI?

Alvino: Desde a implementação do curso tínhamos uma forte preocupação com uma sólida formação teórica e com uma atuação socialmente referenciada. O profissional das ciências sociais não deve ser alguém que tenha apenas habilidades destacadas como importantes pelo mercado de trabalho, mas, sobretudo, deve ter um compromisso ético com os sujeitos que serão impactados pela sua atuação profissional.

Com as reformas educacionais que ocorreram a partir do ano de 2015, o curso foi caminhando cada vez mais para um curso de formação de professores. A preocupação inicial com uma sólida formação teórica, ética e voltada para atuação ativa na vida das comunidades onde nossos profissionais atuam foi impactada também pela preocupação cada vez maior com a transposição didática. Mesmo nossas pesquisas e trabalhos de extensão universitária têm sido transformados por essa perspectiva de que os profissionais formados pelo nosso curso devem fundamentalmente serem capazes de transformar o conhecimento científico e prático adquirido na universidade em conteúdo acessível, relevante e transformador das realidades dos estudantes da educação básica.

Desta forma, a formação profissional docente oferecida pela UESPI é concebida como uma atividade humana, técnica, política e ética voltada para a formação da cidadania e para aquisição de saberes relevantes para a atuação profissional, por meio de um currículo sintonizado – no que concerne à formação pedagógica de professores – com as exigências filosóficas, epistemológicas, didático-pedagógicas e as necessidades do contexto social.

Quanto às perspectivas profissionais, o licenciado pleno em Ciências Sociais é de direito o profissional habilitado para lecionar a disciplina de Sociologia em todos os níveis de ensino. Em todo o Brasil observamos que a Sociologia é o componente curricular que tem menos professores atuando com formação específica na área. Devemos ficar atentos que nos próximos concursos em todos os níveis esta lacuna seja preenchida. Recentemente, temos presenciado uma lenta inserção da sociologia nos currículos do ensino fundamental. Neste momento, é uma das lutas de associações de nossa área como a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS) esta ampliação do ensino das ciências sociais em todos os níveis de ensino. Sendo assim, entendo que temos ótimas perspectivas para a ampliação de nosso mercado de trabalho. O campo profissional do licenciado em ciências sociais não se esgota na docência. Ele também pode atuar na emissão de laudos antropológicos, em atividades de planejamento, consultoria, formação e assessoria em empresas públicas – pode atender demandas em políticas públicas e privadas, pode cooperar técnica e pedagogicamente quanto à elaboração, gestão, acompanhamento, avaliação dos programas e projetos educacionais em organizações não governamentais, partidos políticos, movimentos sociais e atividades similares no âmbito do legislativo e do executivo. Considero ainda que mesmo aqueles profissionais formados em ciências sociais que atuem em outras áreas têm nos conhecimentos, competências e habilidades desenvolvidas na formação como cientista social um diferencial para a sua atuação profissional.

RES: De que modo o senhor avalia os ataques que nos últimos anos as Ciências Humanas e, dentro delas, as Ciências Sociais, têm sofrido de setores da sociedade que tentam colocar formas de conhecimento crítico e reflexivo em xeque, como se estivessem em posição de menor

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 232 – 240 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

Entrevistadores: Dr. Bruno Mello Souza e Dr^a Ana Maria Bezerra do Nascimento

importância em relação a outras formas de conhecimento. Há casos em que professores são considerados como adversários políticos, mais do que partilhadores de conhecimentos e reflexões?

Alvino: Mais do que um ataque às Ciências Humanas e às Ciências Sociais, vejo que estamos em um momento de questionamento do conhecimento científico. Exemplo mais claro disso foram as ações contra a vacinação da população no período pandêmico.

A negação do conhecimento científico é uma forma de atuação de setores conservadores que apresentam um projeto de sociedade assentado em uma visão distorcida da moral religiosa. De maneira geral, as religiões buscam uma verdade absoluta e o sentido da vida. Quando estabelecemos um debate público em que as pessoas partem de verdades absolutas baseadas na fé para estabelecer um projeto de sociedade a racionalidade científica se torna uma adversária. A racionalidade e o conhecimento científico passam a ser avaliados não pelos critérios próprios da ciência, mas pela moral religiosa. Desta forma, especialmente temas que se chocam com a fé e a moral religiosa das pessoas são questionados.

Ao pensarmos nas ciências sociais, a própria religião se torna objeto de nossos estudos. Estudar a religião como instituição social, os efeitos sociais do pertencimento religioso, os diversos rituais revestidos de sacralidade ou como as crenças religiosas interferem no comportamento dos sujeitos e não a abordar sob o prisma dos dogmas da fé de uma religião específica é algo que faz com que as ciências sociais sejam entendidas como adversárias por grupos religiosos conservadores. Um exemplo claro destes embates são os estudos do racismo religioso.

Temos, além disto, a dificuldade de validação do conhecimento produzido nas ciências humanas quando comparado ao conhecimento produzido nas ciências da natureza ou exatas. Penso que a mudança desta perspectiva só pode ser feita através de um trabalho pedagógico desde os primeiros anos da educação básica. Desta forma, cabe mais uma vez aos docentes das ciências humanas e, em especial das ciências sociais, educar os nossos estudantes para entenderem a validade de diversas formas de conhecimento produzidas na ciência e na sociedade.

RES: Quais são os principais desafios, dificuldades, e frentes de luta que as Ciências Sociais deverão enfrentar nesse contexto considerando os próximos anos?

Alvino: Acredito que o maior desafio é a consolidação do nosso mercado de trabalho. Avalio que as ciências sociais se preocuparam muito com a formação universitária e se afastaram da educação básica e do mercado de trabalho fora das universidades. Penso que a minha formação foi mais voltada para o prosseguimento da carreira acadêmica ou como pesquisador vinculado a algum grupo de pesquisa universitário. Atribuições características de cientista social tanto nos setores públicos como privados foram incorporadas por profissionais da psicologia, assistência social, direito, entre outros. No caso piauiense, sempre tenho dado o exemplo da ciência política. Na Escola do Legislativo, em nossa Assembleia Legislativa, os servidores não têm qualquer curso elaborado por cientistas políticos ou outros cientistas sociais. Na própria UESPI tivemos recentemente um curso de formação política voltado para mulheres em que a única formação permitida para ministrar aulas de ciência política era em direito.

No que se refere à licenciatura em ciências sociais, devemos nos organizar para que o Parecer 492 do Conselho Nacional de Educação (de 3 de abril de 2001) seja respeitado e que as

secretarias de educação realizem concursos que ofereçam vagas para os profissionais das ciências sociais.

RES: É importante considerar ainda que a educação básica no Brasil tem passado por significativas mudanças nos últimos anos. Como o curso de Ciências Sociais trata principalmente de uma estrutura de formação de professores para a educação básica, como o senhor interpreta essas mudanças, e de que forma estas impactam o ensino de Sociologia nas escolas do país?

Alvino: Podemos afirmar que houve um consenso ao menos desde o Plano Nacional da Educação de 2014 de que era necessário alterar as políticas educacionais para alcance das metas colocadas no plano. Se houve um consenso da necessidade da mudança a direção e forma desta mudança foi e tem sido um embate entre setores conservadores e progressistas o como fazê-lo e o que deve ser proposto em novos currículos. Currículos para além da dimensão pedagógica são expressões de lutas políticas e interesses dos mais diversos setores da sociedade civil.

Na minha perspectiva, neste momento temos documentos como a BNCC que expressam uma formação humanística em suas diretrizes, mas que no detalhamento curricular privilegiam uma formação voltada para as necessidades do mercado e caminham para situações de precarização do mercado de trabalho. A ênfase no empreendedorismo e em projetos de vida, na prática, tem sido uma ideologia que deturpa o entendimento das situações de precarização das condições de trabalho. Jovens e crianças iniciam precocemente no mercado de trabalho em situações como a de vendas de artesanato ou de produtos alimentícios, entendendo que estão empreendendo sem questionar as condições que levam a essa necessidade de entrada precoce no mundo do trabalho ou a falta de vínculos trabalhistas cada vez maior nas relações de trabalho. Outra preocupação é com a entrada precoce no mundo do trabalho através da atividade de influenciador digital mirim. A exposição de crianças tem sido uma forma de sustento alinhada a uma percepção de ganho de fama e dinheiro rápido. Para mim, projetos educacionais que enfatizam o empreendedorismo desde a infância auxiliam nesta precarização do mercado de trabalho e terão efeitos muito nocivos na vida destes sujeitos. Uma geração que é explorada pelo mercado como geradores de conteúdo e divulgadores de produtos e marcas terá sua formação comprometida. Como os sujeitos excluídos deste mercado ou que não alcancem a posição de influenciadores lidarão com frustrações e a pressão por constantes likes?

Neste contexto de disputa por currículo e projetos educacionais, entendo que as ciências sociais têm um papel fundamental na qualificação deste debate e nas práticas pedagógicas desenvolvidas por seus profissionais nas escolas. Refletir como funcionam os processos socializadores, como funcionam os grupos e a sua dinâmica de inclusão e exclusão, ao ensinar a respeitar o diferente, a aceitar culturas e realidades distintas, ao possibilitar reflexão sobre o papel da escola como agente socializador as ciências sociais trazem uma contribuição ímpar na formação dos sujeitos desde os momentos iniciais de escolarização.

RES: Ainda considerando essas mudanças, de que forma o curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UESPI tem buscado se adaptar a essas novas demandas? Quais são os principais desafios enfrentados nesse processo?

Entrevistadores: Dr. Bruno Mello Souza e Dr^a Ana Maria Bezerra do Nascimento

Alvino: Estamos no terceiro projeto pedagógico do curso. Iniciamos em 2013 com um projeto que refletia muito as experiências das professoras e professores que compuseram o quadro inicial dos cursos de Parnaíba e de Teresina. Muitas das críticas feitas aos cursos de licenciatura é que são planejados como bacharelados em que os seus formandos complementam a sua formação com disciplinas pedagógicas. Avaliando de uma maneira retrospectiva, entendo que o nosso curso tinha essa característica inicial. Considerando que a carga horária para integralização de cursos de bacharelado e licenciatura era a mesma, temos que fazer escolhas na elaboração do currículo. Naquele momento inicial o currículo contemplava todas as obrigadoriedades existentes para as licenciaturas, mas a preocupação principal era a de que nossos egressos não tivessem uma formação adequada nos conteúdos específicos das ciências sociais.

Com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior nas licenciaturas, implementadas em 2015, o curso teve que passar por uma alteração em seu projeto pedagógico. O principal elemento foi a incorporação de uma maior carga horária de prática pedagógica. Esse aumento da carga horária de prática pedagógica para além da adequação, a legislação fez com que refletíssemos sobre a preparação dos nossos discentes para a atuação como professores na educação básica. Pensando na formação de professores, acredito que tivemos um salto qualitativo nesta mudança curricular.

Por fim, com a nova Base Nacional Comum Curricular, a curricularização da extensão e as consequentes alterações nas diretrizes para a formação de professores, tivemos que criar um terceiro currículo para o nosso curso. Iniciamos as primeiras turmas com este currículo em 2023 e ainda estamos num período de adaptação. Infelizmente, a legislação é alterada sem que sejam garantidos os meios necessários para a execução das propostas pedagógicas. No que se refere à curricularização da extensão de pelo menos 10% da carga horária dos cursos não foram abertos novos financiamentos, criado um apoio logístico ou contemplada uma formação adequada para os professores. Desta forma, temos até aqui procurado implementar o que a legislação determina com muita dificuldade. Tivemos avanços especialmente na utilização das cargas de prática pedagógica como atividades de extensão, mas as dificuldades para incorporação de todos os estudantes nas atividades que temos condições de ofertar faz com que em todos os semestres procuremos ajustar a oferta das atividades de extensão. A leitura feita pelo nosso Colegiado de Curso é de que a universidade deveria ser responsável pela elaboração de convênios e pelo apoio logístico e financeiro na realização destas atividades. Sobre a adequação à nova BNCC, a experiência acumulada em todos estes anos de curso fez com que elaborássemos uma proposta que considero inovadora no ensino de Ciências Sociais. Incorporamos em nossas disciplinas elementos da prática pedagógica que preparam os nossos alunos desde os primeiros momentos do curso para uma transposição pedagógica adequada em todos os níveis de ensino. Avalio a proposta pedagógica de nosso curso de maneira muito positiva, contudo, é importante ressaltar que uma avaliação mais completa depende da conclusão das primeiras turmas dentro deste novo currículo.

RES: Para finalizar, qual a leitura que o senhor faz do cenário do ensino de Sociologia no estado do Piauí?

Alvino: Ficamos muitos anos sem concursos públicos no estado do Piauí. A perspectiva é de que tenhamos um concurso no próximo ano. Para nós, este é um momento muito aguardado porque será a primeira oportunidade que temos de incorporação de um número significativo de nossos egressos no mercado de trabalho. A entrada destes egressos será importante também para a educação básica no Piauí. Teremos em nossas escolas profissionais formados em currículos e práticas mais próximas dos atuais projetos pedagógicos implementados na educação básica. Serão profissionais aptos a trabalhar de maneira mais interdisciplinar e dentro de metodologias que são propostas nos projetos educacionais atuais.

Outro destaque é no ensino fundamental. Escolas de referência na rede privada que já adotam de alguma forma a unidade curricular de sociologia em suas propostas pedagógicas. Na Prefeitura de Teresina temos um projeto piloto aprovado de ensino de Ciências Sociais no terceiro ano do ensino fundamental. Este projeto ainda não foi implementado pela dificuldade na liberação de professores do curso para atuarem e coordenarem esse projeto piloto. De toda forma, merece destaque a aprovação na Secretaria Municipal de Educação deste projeto. É um passo inicial para a inclusão das Ciências Sociais nos currículos do ensino fundamental.

Considerando o impacto das disputas políticas em torno dos currículos na formação de professores e na educação básica, nossos profissionais devem estar preparados para demonstrar a importância do ensino das Ciências Sociais para os nossos estudantes e os gestores da educação. A competência profissional deve estar também a serviço da luta por uma educação humanística e que leve a uma prática transformadora dos estudantes impactados pelo ensino das Ciências Sociais. Desta forma, compreendo que o cenário é de constante luta, mas também promissor para a trajetória dos profissionais de Ciências Sociais.